

Cinema de Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia

14 - Maio - 1966

“A Adolescente”

(“The young one” ou “La joven”)

FICHA TÉCNICA:

Realização — Luis Buñuel

Argumento e roteiro — Buñuel e H.B. Addis sobre o romance

«Travellin' man» de Peter Matthiesen

Cenografia — Jesus Bracho

Fotografia — Gabriel Figueroa

Música — Jesus Zarzosa

Interpretação — Zachary Scott, Key Meersman, Bernie Hamilton, Claudio Brook

Produção — George Werker-Olmec, 1960

— Prêmio especial do júri no Festival de Cannes de 1960 —

Vigésimo segundo filme na extraordinária carreira de Luis Buñuel, «A adolescente» pode não ser um dos seus filmes maiores, capaz de testemunhar o gênio que muitos lhe reconhecem e o fizeram uma das figuras capitais do cinema desde os anos 20. Guarda, entretanto, as características de seu pensamento e estilo: o inconformismo, a visão do real através uma ótica surrealista, todo um desprezo da moral burguesa, a violência das imagens refletindo a crítica da sociedade.

Quando, em 1928, «Un chien andalou» se fez a obra-prima do movimento vanguardista francês, esse espanhol que se encontrava exilado em Paris passou, com o primeiro filme de sua autoria, a revolucionar o cinema. E até agora a revolução continua. «L'âge d'or» (1930), «Les hurdes» (1932), «Los olvidados» (1950), «Robinson Crusoe» (1953), «Nazarin» (1958), «Viridiana» (1961), «El angel exterminador» (1962), «Simón del desierto» (1965) foram as etapas fundamentais dessa obra ferozmente pessoal, com um sopro de liberdade e de independência. Tantas vezes premiado internacionalmente, com lauréis de ouro nos festivais de Cannes e Veneza, admiradíssimo por toda a crítica, o aragonês Buñuel jamais compareceu a um festival ou a uma entrevista coletiva, embora tenha sempre muito o que fazer: mais do que um cineasta, é um pensador, faz do cinema sua forma de comunicação ideológica.

Aqui em «A adolescente», há um filme só aparentemente calmo em sua violência, contido em sua extrema tensão, complexo em sua simplicidade, como nos lembra Georges Sadoul. Polêmico contra o racismo, a hipocrisia e a religião, faz sentir ao espectador que ele não vive no melhor dos mundos possível.

Financiado por um produtor independente dos Estados Unidos, «The young one» não afastou Buñuel do México onde, pode dizer-se, encontrou sua pátria cinematográfica, encontrou as possibilidades de criação que em outros países lhe negaram, aí realizou — com exceção de «Viridiana» — suas últimas obras-primas.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

- 21 de maio — «O galante Mr. Deeds», de Frank Capra
- 28 de maio — «Sêde de sangue», de Yoshishige
- 4 de junho — «Quando voam as cegonhas», de Kalatozov
- 11 de junho — «De crápula a herói», de Roberto Rossellini
- 18 de junho — «Todos porcos», de Kimihiko Nakamura
- 25 de junho — «Noite do massacre», de Florestano Vancini
- 2 de julho — «A doce vida», de Federico Fellini
- 9 de julho — «Desejos ardentes», de Alf Sjöberg